

O QUE A PSICANÁLISE TEM A DIZER SOBRE A MATURIDADE?

Dentro do ciclo de palestras que a Clínica Psicanalítica da SIG foi desenvolvendo ao longo deste ano, os temas abrangeram a maternidade, o desenvolvimento infantil, a relação pais e filhos, até que chegamos ao tema da maturidade. Mas será que a maturidade pode ser colocada segundo a cronologia histórica do sujeito?

Muitos acreditam que se atinge a maturidade quando se tem filhos, momento em que a responsabilidade por uma outra vida alavanca ao amadurecimento. Exemplos de adolescentes de 14 anos já experimentando a maternidade não parece coincidir com essa crença. Outra hipótese popular define a maturidade de acordo com a passagem por eventos tradicionais, como formatura, conseguir um emprego, casar e sustentar uma casa.

Segundo o dicionário da língua portuguesa, amadurecer é tornar-se comedido, experimentado, pensar antes de decidir. Mas o ser humano é passível de erros, independente do momento em que vive. Errar, magoar, perdoar, cair, levantar, tudo faz amadurecer. Mas parece não haver uma delimitação clara do momento em que se dá o amadurecimento no ser humano. O consenso existente fundamenta-se que a maturidade está relacionada a uma mudança na personalidade e no comportamento.

Segundo Winnicott, um dos maiores sinais de maturidade é a capacidade que uma pessoa tem de ficar só, diferente do medo ou do desejo de ficar só. Acreditando ter o ambiente um papel estruturante na organização do psiquismo infantil, Winnicott justifica que essa capacidade se constrói na experiência do bebê ou criança pequena, de estar só na presença confiante da mãe ou na sua representação, ou seja, a experiência de estar sozinho na presença de um outro. Com a continência materna, verificamos a necessidade da criança experimentar vazios, distâncias, que possam ajudá-la a se distinguir do outro e aos poucos aprender a dar continência às suas próprias experiências. O indivíduo que desenvolveu a capacidade de ficar só está

constantemente capacitado a redescobrir o impulso pessoal e o impulso pessoal, então, não é desperdiçado.

Podemos pensar que, tendo a capacidade de estar só, gostar da própria companhia, um indivíduo consegue mais facilmente estar só frente aos conflitos e ter a capacidade de resolvê-los, características que podemos considerar também como sinais de maturidade. Dificuldades sempre existirão, maturidade para lidar com elas é que deve ser desenvolvida. Podemos compreender alguém maduro como aquele que consegue lidar com os conflitos da vida, inerentes da existência humana, sejam de ordem externa ou interna, capaz de equilibrar vontades e sentimentos.

Dentro dessa perspectiva, pode não haver uma idade certa para amadurecer, pois isto é um processo que ocorre ao longo da vida. Socialmente, a maturidade é colocada cronologicamente em uma fase da vida: a terceira idade. Alguns chegam a colocar como sinônimo idoso e adulto maduro. Serão, então, os idosos, necessariamente maduros? Envelhecer é inevitável, mas amadurecer, não.

A questão do envelhecimento torna-se um tema cada vez mais presente, não só pela condição do fenômeno demográfico. Proporcionalmente, nos próximos 50 anos a população mundial com mais de 60 anos quadruplicará, atingiremos a 2 bilhões de idosos. Há sempre uma obviedade a respeito do aumento da população de idosos com a consideração de que, devido ao progresso da medicina e das melhores condições de vida, o homem vem se tornando longo.

Mas a sociedade está preparada para a longevidade? Qual a qualidade de vida oferecida? Sabe-se que o aumento da taxa de sobrevivência humana nada tem a ver com a qualidade de vida dos sobreviventes. A medicina garante a vida, mas pouco pode ainda fazer por portadores de Parkinson, Esclerose e Alzheimer, por exemplo, doenças que são cada vez em maior número com o aumento da idade média da população. Além disso, há de se falar mais das condições mentais do idoso, quer pela transformação de vida, fixação de objetivos ou possibilidade frente aos próprios desejos.

A identidade do sujeito é construída traço a traço, sobretudo no que se refere ao corpo que em cada detalhe favorece o reconhecimento de si mesmo. A revelação do envelhecimento, ou melhor, a descoberta do primeiro sinal que marca o tempo no corpo traz a estranheza deste se descobrir como um outro. É o outro refletido no espelho quem denuncia sua condição de quem não pode mais satisfazer o outro de cá e assim a idade se transforma em angústia.

É fundamental pensar que o homem muda, como imperioso da sua condição no tempo. Ao longo de sua vida, passa da submissão e impotência infantis às descobertas de novas possibilidades, inclusive de se constituir, aprende a corresponder às expectativas sociais e inserir-se socialmente, participar e valorizar-se. Luta, perde, apaixona-se, triunfa, fracassa. Marca-se com a vida e tenta marcar: o corpo, o humor, o ânimo e a si mesmo. O destino antes cheio de possibilidades de vir-a-ser se estreita cada vez mais em um horizonte que se restringe na cogitação da morte. Mas nosso intuito é saber o que pode a teoria psicanalítica face o fenômeno do envelhecimento?

Freud foi sem dúvida um longevo produtivo, mas pessimista quando declarou que o método psicanalítico se aplicava às pessoas de até quarenta e cinco anos de idade, posto que a partir dessa idade a quantidade de material acumulado ao longo da vida era tal, que se tornaria impossível uma análise. Era época em que a média de vida girava pelos cinqüenta anos. Na Viena de Freud, um vivente de quarenta anos estava de tal modo atado ao seu “status quo”, que praticamente não tinha futuro, em termos de propor modificações fundamentais na sua própria vida.

Hoje, continuando seu legado, pensamos diferente, até por que são outros tempos. Sim, é possível análise para pessoas de mais de quarenta e cinco anos, cinqüenta, setenta, pois uma pessoa busca análise para atenuar uma dor e a qualquer tempo a dor deve ser aplacada. Psicanálise é uma jornada na descoberta de si mesmo, na tentativa de abandonar sintomas aos quais se está agarrado para enfrentar seus conflitos. A restrição feita lá nos idos de 1937 estava baseada na expectativa de vida e na compreensão do sentido da análise, pois a demanda aponta sempre para um caminho, uma transformação, um futuro possível. Se para a Psicanálise o que nos importa é o

inconsciente e este é atemporal, a idade não se coloca como uma limitação. A limitação está dentro do sujeito e no seu desejo de libertar-se. Até poderíamos dizer que a busca por uma análise é a busca pela maturidade, a qualquer tempo em que se esteja vivendo. Quem sabe não existe uma maturidade única, quem sabe existem maturidades a serem atingidas a cada fase da vida.

Entretanto, pensar em fases rígidas da vida se opõe ao conceito de que o desejo e a libido estão presentes e ativos em qualquer idade; se há, de fato, uma mudança corporal, isto não impede que o ser continue sendo desejante e que haja um funcionamento psíquico. O ser humano é o sujeito do desejo, e o desejo é aquilo que nos move. O ser humano é fundado por uma falta. Esta falta, que funda o desejo, acompanha o sujeito até o momento que este morre, e isto independe da idade.

Nossa história está intimamente ligada à temporalidade. É o tempo, tão difícil de se definir, impossível de se alcançar, que marca o envelhecimento e que leva o ser em direção à morte. Envelhecemos desde o dia em que fomos concebidos e o envelhecimento é um processo que percorre toda a nossa vida. Normalmente, só consideramos o envelhecer aos velhos. Mas tanto a criança quanto o jovem crescem, se desenvolvem e também envelhecem. A diferença está na forma como vemos o cronômetro da vida, cronômetro esse que muitos tentam controlar. Como exemplificar a tentativa de controle? A tecnologia médica pode nos ajudar: cirurgias plásticas, botox, silicone, etc. O problema não é a existência desses recursos e, sim, o uso que se faz destes. Uma mesma cirurgia pode ser utilizada para melhorar a qualidade de vida ou bem-estar, mas também pode ser feita na tentativa de congelar o tempo. Aceitar as diferenças e os ganhos decorrentes da passagem do tempo é justamente o que permite o indivíduo ganhar mais vida.

É claro que existem diferenças entre o jovem e o idoso, mas não quanto ao desejo. A própria clínica psicanalítica para ambos está alicerçada no desdobramento da falta do sujeito frente ao que nunca teve e nunca terá. Destituir o idoso de desejo é um erro a que muitos caem. Quantos idosos não passam por uma infantilização e dessexualização? Seja por sua família ou por instituições quando hospitalizados? Lúcidos e esclarecidos, querem respeito à

sua intimidade, à sua sexualidade. Envelhecer não é regredir a um estágio infantil.

Enfim, amadurecer parece ser uma tarefa diária, não podendo ser colocada em uma etapa específica da vida, pois isso seria uma tentativa equivocada de fixar algo que é condição de vida. Nesse sentido, entra a Psicanálise como um processo auxiliar nessa tarefa, já que num processo de análise, o analisando se reinventa e modifica a história da qual seria fruto. Pensando no conceito da temporalidade e na construção da nossa história, a cada dia, mudamos algo em nós, já que, como nos diz Cecília Meireles, “A vida só é possível reinventada”.

Clarice Moreira da Silva.